

Maranhão: A Missão Profética do Padre António Vieira

Maranhão: La Mission Prophétique du Père António Vieira

António de Abreu Freire

Universidade de Aveiro

RESUMO: A actividade missionária de Vieira no Maranhão desenrolou-se de Janeiro de 1653 a Setembro de 1661, ou seja, durante quase nove anos; foi interrompida durante um ano, de Junho de 1654 a Maio de 1655, o tempo de uma viagem ao reino. Iniciou a missão com doze padres e irmãos e, quando foram expulsos, eram trinta e dois os que embarcaram para o reino; quatro dos padres morreram em missão. De regresso ao reino, sem apoios políticos e denunciado por várias vezes ao Tribunal do Santo Ofício, viu-se arguido em 1663, num processo por delito de heresia, e privado da sua liberdade com medidas de coacção que foram sendo mais severas à medida que o processo avançava. Em 1665, a medida de coacção era a prisão domiciliar e Vieira redigiu, algo apressadamente, um livro em que explica, através da exegese do texto bíblico do capítulo 18 do profeta Isaías, que a sua missão do Maranhão estava profetizada nesse mesmo texto. Ele estava convencido de que, com a publicação desse livro, os inquisidores não teriam mais razões para prosseguirem o processo. Porém, o texto que mais tarde (1718) seria publicado com o título de *História do Futuro* não chegou a ser publicado no momento oportuno e Vieira passou ao regime de coacção de prisão efectiva logo em Outubro de 1665, até ao final do processo em Dezembro de 1667. O texto é um primeiro ensaio da grande temática da *Clavis Prophetarum*, que seria redigida em latim, a partir de 1671, quando o jesuíta se encontrava em Roma.

PALAVRAS-CHAVE: Maranhão; Profecia; História do Futuro; Quinto Império; Isaías.

RÉSUMÉ: L'activité missionnaire de Vieira dans le Maranhão s'est déroulée depuis Janvier 1653 jusqu'en Septembre 1661, soit durant presque neuf ans; elle fut interrompue durant presque une année entière, de Juin de 1654 à Mai de 1655, le temps d'un voyage au royaume. La mission avait débuté avec douze prêtres et auxiliaires et lors de leur expulsion ils étaient trente deux à s'embarquer de retour au royaume; quatre des prêtres sont décédés em mission. De retour au Portugal, sans appuis politiques et à plusieurs reprises dénoncé au Tribunal du Saint Office, Vieira s'est vu impliqué dans un procès dont il était intimé pour délit d'hérésie et privé de sa pleine liberté, sous des mesures de coation progressivement plus severs à mesure que le procès avançait. En 1665, la mesure de coation était la résidence assignée et Vieira rédigeait, assez précipitamment, un livre dans lequel il explique, au moyen de l'exegèse du chapitre 18 du prophète Isaïe, que sa propre mission du Maranhão y était prophétisée. Il était convaincu qu'une fois publié ce livre les officiers de l'Inquisition n'auraient plus de raisons pour poursuivre le procès. Cependant, le texte que bien des années plus tard (en 1718) serait publié sous le titre d'*Histoire du Futur* n'a pas été publié au moment opportun et le prêtre a passé du régime de résidence assigné à celui de prison effective en Octobre de 1665, jusqu'à la fin du procès en Décembre de 1667. Ce texte est un premier essai de la grande thématique de la *Clavis Prophetarum*, qui serait rédigée en latin à partir de 1671, quand le jésuite se trouvait à Rome.

MOTS-CLÉS: Maranhão; Prophécie; Histoire du Futur; Quint Empire; Isaïe.

ISAÍAS

O profeta Isaías viveu no século VIII antes de Cristo no reino de Judá, quando este era governado pelo rei Acáz, aquele que, para adiar o cativo dos seus súbditos, entregou as riquezas do templo de Jerusalém aos Assírios. Ainda em vida do profeta sucedeu-lhe Ezequias, filho do precedente e grande reformador dos rituais religiosos de Judá, que lutou contra Senaquerib para salvar a capital, mas não conseguiu evitar a deportação dos judeus das aldeias. Apesar de vítimas dos ataques de Israel e da Assíria, as duas tribos de Judá e de Benjamim que se tinham separado das demais à morte de Salomão, em 932 a.C., tiveram uma vida mais longa que a do reino de Israel, até ao momento da deportação para Babilónia, em 586. O último rei e profeta de Israel foi Josias, vencido em 608 por Necau II do Egipto, e o último rei de Judá foi Sedecias, derrotado e deportado para o cativo por Nabucodonosor com mais 25.000 judeus. Isaías foi o primeiro dos grandes profetas de Judá; como muitos dos profetas, foi poeta inspirado e exímio artista da língua, deixando para a posteridade uma mensagem mística e contemplativa, num texto hermético que terá sido fixado por escrito no tempo do exílio dos judeus em Babilónia.

Os textos da Bíblia hebraica foram traduzidos para grego por 72 sábios hebreus no tempo e por ordem de Ptolomeu Filadelfo, rei helénico do Egipto de 285 a 246 a.C., o mesmo que mandou erguer o farol de Alexandria. Em Alexandria, encontrava-se a comunidade judaica mais importante da diáspora hebraica; esta tradução, feita no espaço cultural mais evoluído do mundo de então, ficou conhecida como sendo *A Versão dos Setenta*, que foi depois traduzida para latim por *São Jerónimo* (347-420 d.C.), ficando a ser conhecida pelo nome de *Vulgata*, o único texto oficial da Bíblia adoptado pela Igreja Católica até aos tempos modernos. Era esta a Bíblia que o padre António Vieira tão bem conhecia e cujo texto citou infinitas vezes em latim.

O ARGUIDO

Pelos anos de 1664-1665, o padre António Vieira, aos 57 anos, arguido num processo do Tribunal da Inquisição por delito de heresia, dava os últimos retoques a um texto cuja teoria tinha esboçado pela primeira vez uma dúzia de anos antes, no primeiro sermão que pregou em terras de Portugal, no primeiro dia do ano de 1642, na capela real da corte de D. João IV. Ele acreditava, sem pôr em causa a autenticidade dos factos, que o reino de Portugal tinha nascido por vontade expressa do próprio Deus, comunicada numa aparição de Cristo ao primeiro rei, na véspera da tão célebre quanto lendária batalha de Ourique, e que o destino futuro deste reino estava escrito nos textos dos profetas, tanto canónicos como os não canónicos mas confirmados. *Naquela noite, em que Cristo por sua própria pessoa fundou o reino de Portugal, aparecendo, e falando ao seu primeiro rei disse: Eu sou o fundador e destruidor dos Reinos e dos Impérios: e quero em ti e em teus descendentes fundar um Império para mim, pelo qual o meu nome seja levado às nações estrangeiras* (H., 150). Nesse mesmo alicerce, o missionário fracassado, e agora inquirido, assenta todo o desenvolvimento da sua teoria do Quinto Império do mundo (H., 41-42). O livro que estava a escrever intitulava-se *História do Futuro* e foi a grande paixão filosófica de toda a sua vida. *As outras histórias contam as coisas passadas; esta promete dizer as que estão por vir: as outras trazem à memória aqueles sucessos públicos, que viu o mundo; esta intenta manifestar ao mundo aqueles segredos ocultos, e escuríssimos que não chega a penetrar o entendimento.* (H., 1) Esses segredos continham as “Esperanças de Portugal”, o papel primordial que o reino teria para desempenhar no futuro do mundo.

O jesuíta tinha sido expulso das missões do Maranhão com os outros missionários em Setembro de 1661 e as medidas de coacção do Tribunal do Santo Ofício aumentavam a cada ano, enquanto era pressionado para que se explicasse perante os inquisidores sobre os assuntos delicados de que era acusado,

entre os quais o da ressurreição do rei D. João IV, falecido em 1656, o da autenticidade profética de um sapateiro de Trancoso, chamado Gonçalo Anes Bandarra, e o do destino da gente da nação hebraica espalhada pelo mundo. O texto da *História do Futuro* que chegou até nós foi redigido durante estes anos de prisão domiciliar no colégio dos jesuítas de Coimbra, pressionado pela poderosa autoridade de uma instituição temível, que Vieira enfrentou de início com alguma arrogância. No último sermão pregado por Vieira antes da proibição da Inquisição, o sermão de Santa Catarina, pregado na capela de São Miguel da Universidade de Coimbra, a 23 de Novembro de 1663, ele faz alusão com alguma ironia à sua situação de arguido, num processo que lhe é movido por poderes arbitrários: *Estes hereges das leis (ainda que sejam canónicas) são os aplaudidos de letrados, e os reputados por doutos; e pelo contrário os que defendem a razão e pugnam pela verdade, ficam tidos por idiotas e ignorantes* (Sermões, IX, 181). Esta tirada é dirigida aos inquisidores e aos “Capítulos” do procurador Sérgio Sampaio, aos quais tinha sido obrigado compulsivamente a responder em Agosto/Setembro desse mesmo ano.

As mudanças políticas que entretanto aconteceram no reino privaram-no de todos os apoios políticos de que dispunha: os partidários de D. Afonso VI assumiram o poder, a rainha D. Luísa tinha sido afastada da corte, os seus amigos do tempo de D. João IV foram como ele confinados nas suas terras, longe da corte. Progressivamente Vieira teve que assumir perante o Tribunal uma atitude mais serena e mais conciliatória. A 28 de Janeiro de 1664 ele escreve de Coimbra a D. Rodrigo de Meneses, gentil-homem da casa do infante D. Pedro, amigo e protector de Vieira, a propósito do texto: *A obra há-de ser larga, e já o começa a ser e ainda não é obra* (Cartas, II, 34). *Trabalho nela quanto posso e mais do que posso* (ao mesmo, a 31 de Março, II, 44); *é necessário saia a tempo ou antes do tempo* (ao mesmo, a 28 de Abril, II, 50). Por “tempo” ele refere-se ao ano de 1666, um ano especial cuja numeração utiliza todos os símbolos romanos (MDCLXVI) e durante o qual

Vieira previa que acontecessem coisas extraordinárias, a realização de algumas profecias. Em Junho de 1664, é vítima de uma doença infecciosa (erisipela) e pára de escrever a *História do Futuro: é grande a mortificação com que me vejo atalhado, porque ia a obra vento em popa, e cada vez se descobriam maiores e mais firmes esperanças* (II, 67). Queixa-se ainda das suas mazelas a 11 de Agosto (II, 75) e lamenta não poder ter a ajuda de ninguém por ser obra mesmo só dele. A 25 de Agosto: ... *é a obra que está reservada para V. S.^a somente, e para com a aprovação e censura de V. S.^a, ou se sepultar para sempre ou sair à luz a seu tempo, se Nosso Senhor der saúde e o espaço que para ela é necessário* (II, 81). A 10 de Novembro: *Não alimpo os outros sermões, porque todos os instantes, que me deixam livres os meus achaques, emprego naquela outra obra, que bem vejo quanto importa sair a tempo* (II, 97). Também esta preocupação com o “tempo” pode ter a ver com o avanço do processo e Vieira acreditaria que, depois de publicada a tal obra, os inquisidores não teriam mais razões para prosseguirem com o processo.

Em Fevereiro de 1665, ainda adoentado em Coimbra, escreve ao Marquês de Gouveia, que era Desembargador do Paço: *Eu apresso o livro quanto posso, por sinal que, escarrando vermelho, como avisei a V. Ex.^a, o encubro, só porque os médicos me não tirem a pena da mão* (II, 125). E a D. Rodrigo de Meneses: *Eu passo como permite o rigor do tempo, escarrando vermelho, que não é boa tinta para quem está com a pena na mão* (II, 127). Ao mesmo, em Março: *A obra se vai já copiando quanto ao primeiro tomo, que eu quisera se não retardara muito...* (II, 138). A 4 de Maio de 1665, ainda ao Marquês de Gouveia: *quando a primeira parte dela (da obra) estiver acabada, que poderá ser sem grande dilação, então se podia pedir abertamente a licença para o prelo* (II, 160). A 8 de Maio, ainda acamado desde o Domingo de Ramos, escreve a D. Teodósio de Melo, cónego da Sé de Lisboa, irmão do Duque do Cadaval: *o rei terá ordenado que o padre provincial me assistisse com tudo o que me fosse necessário para a continuação e breve conclusão da obra; mas Deus, que me pôs nesta cama, parece que tem decretado outra cousa* (II, 165). A obra pretendia ser

volumosa e o plano já estava traçado desde o Livro Antepimeiro, em que explicava o porquê de tamanho empenho. *Divide-se a História do Futuro em sete partes, ou livros. No primeiro se mostra que há-de haver no mundo um novo império: no segundo que império há-de ser: no terceiro suas grandezas e felicidades: no quarto os meios por que se há-de introduzir: no quinto em que terra: no sexto em que tempo: no sétimo em que pessoa. Estas sete coisas são as que há-de examinar, resolver e provar a nova história que escrevemos, do quinto Império do mundo* (H., 25-26).

A 14 de Setembro de 1665, queixa-se a D. Rodrigo de Meneses do pouco tempo que o Santo Ofício lhe dá para responder aos pedidos de esclarecimento sobre aquilo em que é arguido e de não terem em conta a sua doença, quando *as pedras deste edifício estão lavradas a pedaços e sem nenhuma ordem* (II, 245). A 1 de Outubro, o padre António Vieira é encarcerado nos calabouços do Tribunal do Santo Ofício de Coimbra, apesar dos seus protestos e dos requerimentos que mencionam a sua doença como impedimento para satisfazer as exigências do Tribunal, sem outros livros à sua disposição para além do Breviário e mais tarde uma Bíblia.

Quando terminou ou deu por terminado o texto do Livro Antepimeiro da edição de 1718 da *História do Futuro*, não se sabe. Os censores entregaram as suas elogiosas apreciações em 1709. Por essa altura, já tinham sido editados 13 (dos 15) volumes dos seus sermões, todos preparados por Vieira, em obediência às solicitações dos seus superiores religiosos e às insistências do rei. A licença do Paço foi concedida em 1710 e passaram-se mais 8 anos até à edição. Vieira tinha falecido há 21 anos e reinava (desde 1706) D. João V.

Dentre os profetas comentados por Vieira, três deles assumem um particular relevo: Isaías, Ezequiel e Daniel. Todos os grandes profetas hebraicos surgiram e deixaram as suas mensagens em tempo de crise e de aflição para o povo e o mesmo aconteceu com os profetas a que Vieira chamava de “não canónicos”, que ao longo da história apareceram também em tempos difíceis e

difundiram vaticínios que se confirmaram, o que prova que eles eram verdadeiros profetas. Nessa lista Vieira inclui São Frei Gil, um monge dominicano que viveu em Santarém no século XIII, num clima confuso de guerra civil e de conflitos entre os reis e a Igreja, o francês Nostradamus e Gonçalo Anes Bandarra, sapateiro de Trancoso, no século XVI. No tempo de Vieira, alguns desses profetas modernos chegaram a ter imagens veneradas nos altares das igrejas de Lisboa. *Do profeta Isaías, que falou com maior ordem e maior clareza, disseram S. Jerónimo e Sto. Agostinho, que mais escrevera história que profecia. A sua profecia é o Evangelho fechado; o Evangelho é a sua profecia aberta* (H., 13). *O profeta Isaías como profeta singularmente escolhido para historiar as maravilhas da Lei Evangélica, foi o que mais falou de nós, e delas* (H., 281).

A profecia e os sinais misteriosos enviados pelos astros, sobretudo os cometas, sempre fascinaram a imaginação de Vieira que, ao jeito e ao modo de outros homens cultos do seu tempo, tentou desvendar essas mensagens secretas e partilhou com os seus correspondentes o fascínio da interpretação dos seus movimentos. Em Junho de 1664, ele fala a D. Rodrigo de Meneses de um cometa que terá aparecido na Alemanha (II, 60). Em Dezembro, aparece outro cometa, maior que o de 1618, que *tinha trezentas e oitenta mil léguas de comprido. A vida de el-rei Filipe tem contra si todas as leis da Natureza; e o cometa verdadeiramente é funesto e funeral* (II, 105). O cometa de 1577 apareceu no mesmo dia que o de 1664. Em 29 de Dezembro de 1664, Vieira escreve: *Eu fiz meu estudo no caso, não como matemático mas como marinheiro, que é o mais a que se estende a minha arte ou experiência* (II, 107). Depois soube que o cometa tinha sido visto no Pará e no Maranhão a 12 de Novembro (cartas a D. Rodrigo de Meneses e ao Marquês de Gouveia, de 15, 16 e 23 de Fevereiro de 1665). Em Abril de 1665, alguém, um cônego da Sé de Coimbra, pessoa idónea e credível, contou-lhe ter visto o cometa *correr com grande pressa para o lugar onde estava a lua e meter a cauda pelo meio dela...* (II, 156) e até *a rainha da Suécia, com dois grandes matemáticos que tem, o observa sempre...* (II, 161). Em

Julho de 1665, recebe outra carta do Maranhão, do padre Valentim Estancel, falando-lhe sobre cometas, numa linguagem que ele não entende muito bem (II, 186).

E os prodígios multiplicam-se: um meteoro visto do Minho a desfazer-se sobre a Galiza, um globo de fogo no céu durante três horas avistado de um colégio de Coimbra, um dragão vomitado por um doente em Guimarães, trevas em Roma, tudo prenúncios do ano fatal de 1666 (Carta a D. Rodrigo de Meneses, 4 de Maio de 1665, II, 157-158), uma imagem de Nossa Senhora suando sangue em Torres Novas (II, 164), uma nova estrela na constelação Argos (II, 227), prodígios na Alemanha e na Índia (II, 229)... Escreve a 22 de Agosto de 1665 a D. Teodósio de Melo: *Já disse a V. S.^a a pouca fé que eu dou às estrelas e a seus intérpretes...* mas na mesma carta acrescenta: *O certo é que o cometa vai saindo com os seus efeitos, e que estes são temidos em muitas partes, porque em Roma e em Madrid se proibiram todos os juízos que sobre eles tinham e iam saindo* (II, 221-222). Depois, passaram-se muitos anos e percalços, uma prisão, uma condenação, um perdão, os projectos de Vieira sobre a *História do Futuro* tomaram uma forma diferente e mais abrangente, a ideia do Quinto Império reformulou-se na sua mente prodigiosa, mas nunca se esquecerá dos sinais do céu: em 1672, numa carta a Duarte Ribeiro de Macedo, embaixador em França, escreve: *Dizem-nos que nessa corte aparece um cometa...* (II, 436).

O EXEGETA

Na *História do Futuro*, Vieira empreende a tarefa de interpretar um dos textos mais obscuros de Isaías, o do capítulo 18. O texto comentado é naturalmente o da *Vulgata*, que diz assim: *Vae terrae cymbalo allartum, quae est trans flumina Aethiopiae, qui mi mittit in mare legatos, et in vasis papyri super aquas. Ite Angeli veloces ad gentem convulsam, et dilaceratam; ad populum terribilem, post quem non est alius; ad gentem expectantem, et conculcatam, cujus diripuerunt flumina terram eius.*

Os comentadores antigos não entendiam o texto porque, segundo Vieira, as terras e as gentes a que se refere o profeta não eram conhecidas. As terras ficam para além da Etiópia (o nome dado pelos hebreus ao continente africano na sua totalidade). Ora, para quem se encontra em Jerusalém, para além do continente Africano (*trans flumina Aethiopiae*) fica o continente americano do sul e os povos que vivem nesse continente são gente desconhecida e ficam nos antípodas, por debaixo dos pés (*gentem conculcatam*), como que pisada pelos de cima. Essa terra e essa gente são aquelas por onde ele mesmo andou, nas suas missões do Maranhão: ele viu as gentes, pisou as terras e navegou pelas suas águas (H., 296). Muitos comentadores de Isaías posteriores às descobertas dos portugueses reconhecem que o texto do profeta se refere à América (H., 298) e Vieira pretende provar que Isaías se refere a um espaço particular deste continente, para além do qual não vive mais gente nenhuma (*post quem nos est alius*). *Digo primeiramente que o texto de Isaías se entende do Brasil, porque o Brasil é a terra, que diretamente está além e da outra banda da Etiópia (...) considerado o círculo que faz o globo terrestre, o Brasil fica imediatamente detrás da Etiópia* (H., 298-299).

Diç mais o profeta que a gente desta terra é terrível (ad populum terribilem); e não pode haver gente mais terrível entre todas as que têm figura humana, que aquela (que são os Brasis), que não só matam seus inimigos, mas depois de mortos os despedaçam, e os comem, e os assam, e os cozem a este fim, sendo as próprias mulheres as que guisam, e convidam hóspedes a se regalarem com estas inhumanas iguarias (...). Fazem depois suas flautas dos mesmos ossos humanos, que tangem e trazem na boca, sem nenhum horror; e é estilo e nobreza entre eles não poderem tomar nome senão depois de quebrarem a cabeça a algum inimigo, ainda que seja a alguma caveira desenterrada (H., 299-300). Vistas desta maneira, as coincidências são muitas e se dermos fé a uma tradução não canónica do texto para o latim, que em vez de *conculcatam* escreve *depilatam*, aí aumentam as evidências, porque *tais são também os Brasis, que pela maior parte não têm barba, e no peito e pelo corpo têm a pele lisa, e sem*

cabelo (no corpo), com grande diferença dos europeus (H., 300).

Vieira não tem dúvidas, este lugar e estas gentes de que fala o profeta Isaías é o Maranhão e os seus habitantes, a quem os rios roubam a sua terra (*cujus diripuerunt flumina terram eius*), com os seus prodigiosos caudais que alagam as margens e as arrastam para o oceano, deixando pouco espaço habitável para os indígenas, gente arrancada e despedaçada (*convulsam et dilaceratam*) pelas guerras que os colonos lhes moveram. Foragidos de Pernambuco e dos sertões do Ceará, eles chegaram ao Maranhão e construíram as suas aldeias ao longo das margens frágeis dos rios, tendo que se mover de um lugar para outro, usando mais as mãos (nos remos) do que os pés (H., 301). Por toda a parte dominam as águas e o povo do Maranhão é um povo de navegadores, *qui mittit in mare legatos, et in vasis papyri super aquas: que manda de uma parte para outra seus negociantes em vasos de cascas de árvores sobre as águas* (H., 303) – traduz Vieira. E tudo condiz: Isaías diz que quem manda é o povo e de facto os Maranhões, que não têm rei, escolhem entre eles os melhores para os enviarem (*legatos*) como caçadores ou guerreiros nas embarcações feitas de cascas de árvores (*in vasis papyri*), o método utilizado para o fabrico das canoas antes de possuírem instrumentos metálicos. Diz o profeta que tais embarcações iam pelo mar (*in mare*) e na realidade tais canoas navegam pelo oceano e *além de entrarem com elas pelo mar Oceano, o mesmo arquipélago, que dizemos de água doce, se chama na sua língua e por sua grandeza mar, e daqui veio o nome que os portugueses lhe puseram de Grão Pará, ou Maranhão, o que tudo quer dizer Mar Grande, porque Pará significa Mar* (H., 304-305).

Mas o que mais impressiona Vieira no texto do profeta são as primeiras palavras do capítulo 18: *Vae terrae cymbalo alarum*, palavras que até então não tinham interpretação possível, porque os tradutores também escreveram *terrae navium alis* - *Ai da terra que tem sinos com asas* ou *navio com asas*! O jesuíta dá a sua exegese: a palavra latina *cymbalo*, que significa sino no meio cultural de uma Europa onde as igrejas têm torres com sinos, aplica-se na realidade

e no contexto da profecia de Isaías a todo instrumento que emite sons e nisso coincidem outras interpretações dos exegetas do passado. No Maranhão os instrumentos que emitem sons são os *maracás, não de metal, porque não o tinham, senão de cabaços, ou cocos grandes, dentro dos quais metiam seixos, ou caroços de várias frutas duros, e acomodados a fazer muito estrondo, e ruído, servindo-se dos menores nas festas, e nos bailes, e dos maiores nas guerras. Estes Maracás são propriamente os seus címbalos...* (H., 306)

E a exegese de Vieira continua: as maiores embarcações do Maranhão são as grandes canoas de guerra a que chamam Maracatins, palavra que deriva de Maracá (o chocalho, o sino) e de Tim, que significa na língua brasílica a proa de uma embarcação. Nas suas guerras, os índios do Maranhão engalanavam as proas das suas embarcações com Maracás, para aterrorizarem os seus inimigos. Por isso Isaías profetizou essa terra estranha e desconhecida no seu tempo, onde as embarcações tinham nome de sinos. A terra é o Maranhão e as embarcações são os Maracatins. Faltava ainda explicar o enigma das asas (dos sinos ou dos navios), que os intérpretes consideravam serem as velas, mas para o que Vieira tem outra explicação, menos banal. É que os indígenas do Maranhão têm especial predilecção pelas aves e, dentre elas, por uma ave muito especial, o Guará, de plumagem vermelha, que vive nos mangues, de cujas penas fazem os seus adornos, com as quais enfeitam os seus arcos e flechas e as suas canoas em dias de festa ou de guerra.

Toda essa gente do Maranhão é *gentem expectantem*, e também é verdade que este foi o último espaço do Brasil onde chegaram os portugueses com a mensagem cristã, pela qual eles esperaram mais tempo que todos os outros; esperaram até 1615, diz Vieira, quando lá chegou Alexandre de Moura, 65 anos depois dos outros indígenas brasileiros que conheceram a verdadeira fé em 1550. Para o jesuíta, a mensagem cristã é a dos jesuítas, que começaram com Nóbrega a evangelização da colónia; ele não contempla o trabalho dos franciscanos, os primeiros que criaram

missões no Brasil. E de novo, depois da expulsão dos padres jesuítas do Maranhão, o povo encontra-se desamparado e por isso o profeta utiliza aquela palavra *Vae*, lamentando a sua sorte, *porque o estado de esperança se lhe tem trocado no de desesperação* (H., 311).

Vieira encontra ainda, nos textos de outros profetas canónicos, numerosas alusões ao destino de Portugal e esse é o objectivo da sua *História do Futuro*, mas nenhum deles parece tão claro e nenhum é tão intimamente ligado à sua própria missão como o texto de Isaías. A sua exegese é realmente muito especial, verdadeiramente exotérica, resultante de um prodigioso imaginário, de um inimitável patriotismo e de uma evidente vaidade. Sobretudo ela é dominada por um quase louco patriotismo que sempre o dominou, ao longo de toda a vida. Vieira reconhece a sua quase pecaminosa paixão, a sua loucura, que *era o affecto português e imoderado amor e zelo da Pátria* (Carta a Duarte Ribeiro de Macedo, II, 646), porém, o seu caso era mesmo irremediável, pois *curando Cristo todos os géneros de enfermidades e ressuscitando mortos, a nenhum doído sarou* (II, 647). Assim fazia Vieira a sua própria análise em 1673, aos 65 anos.

A *História do Futuro* foi interrompida logo no seu Livro Antepimeiro, com o encarceramento do seu autor. A última carta de Vieira destes anos data de 28 de Setembro de 1665. Foi encarcerado e ficou incomunicável a 1 de Outubro. A sentença da sua condenação foi lida a 23 de Dezembro de 1667. Durante alguns anos, até ao perdão das suas culpas em Junho de 1668, Vieira não teve condições para continuar o seu trabalho. Mas entretanto a política do reino tinha mudado e na cadeira do poder sentava-se uma nova figura, a do regente D. Pedro II, que tinha usurpado ao irmão D. Afonso o trono e a esposa. Logo depois, em 1669, Vieira foi enviado para Roma, onde recomeçou uma nova vida, num ambiente de requinte em que foi apreciado e adulado pelos seus dotes de orador, pelas causas nobres que defendia e pela sua prodigiosa cultura. Na sede da Cristandade,

ele retoma, rodeado de gente sofisticada e influente, a defesa das suas grandes ambições: a integração da gente da nação judaica nos negócios que podiam salvar a economia do reino, a criação de uma grande companhia de comércio, e sobretudo exprime a vontade de continuar a sua *História do Futuro* interrompida, mas desta vez com um plano muito mais vasto e universal, pelo que projecta continuá-la em latim, a língua culta do saber e do comércio, pois a mensagem destina-se ao mundo inteiro. E dá-lhe um novo título (já anunciado antes numa das primeiras sessões do processo): *Clavis Prophetarum*, pois trata-se da chave para interpretar os profetas e as suas profecias sobre o destino de Portugal como cabeça do Quinto Império do mundo.

Porém, os seus superiores e o seu soberano pedem-lhe outra coisa, que prepare os seus sermões para edição, ao que ele resiste enquanto pode, invocando as doenças, o mau clima de Roma, outros afazeres; levará oito anos a preparar a edição do primeiro tomo (1679) e vai escrevendo a obra da sua vida, adiando a redacção final do que ele considera a sua grande obra e a sua herança intelectual. No prólogo do primeiro volume dos *Sermões*, ele lamenta que todo o esforço empenhado nos *Sermões* o tenha impedido de *pôr a última mão aos quatro livros latinos de De Regno Christi in terris consummato, por outro nome Clavis Prophetarum, em que se abre nova estrada à fácil inteligência dos profetas, e tem sido o maior emprego de meus estudos* (I, LXIV). A grande obra da sua vida ficará por completar, mas a sua trajectória de missionário, educador, político, estrategista, durará para sempre como a do maior génio que iluminou como um cometa todo o espaço e o tempo das culturas de língua portuguesa.

Pelos continentes europeu e americano, de Lisboa à Roma e à Amesterdão, da Bahia a Pernambuco, ao Maranhão e ao Grão-Pará, pelo oceano, pelos rios e pelos sertões da nossa epopeia comum, ele foi um cidadão do mundo, o precursor de uma globalização que o seu patriotismo e a sua fé apontavam como sendo de matriz portuguesa e cristã. O Quinto Império não

é nenhuma utopia nem uma fuga desesperada para satisfazer desejos recalçados de um povo sonhador, mas tão somente um fantástico olhar prospectivo sobre o futuro de um povo e do seu poder de criatividade, o mesmo poder que o levou pelos oceanos do mundo em cata de grandeza. Mas o modo e a palavra pertencem ao domínio poético e assentam sobre o poder do imaginário, *porque nos movemos mais pelo sentimento do que nos governamos pelo racional* (Carta a D. Teodósio de Melo, 26 de Março de 65, II, 148). Dos nossos, ele foi o maior de sempre.

REFERÊNCIAS

OBRAS DO PADRE ANTÓNIO VIEIRA:

- *Sermões*, 5 vols. Porto, Lello & Irmão, 1993.
- *Cartas*, 3 vols. Lisboa, INCM, 1997.
- *História do Futuro*. Edição de Maria Leonor C. Buescu, Lisboa, INCM, 1982.
- Edição crítica de Joseph van den Besselaar, Lisboa, BN, 1983.
- Edição fac-símile do texto de 1718, edição do Governo do Pará, 1998.
- *Apologia das Coisas Profetizadas*. Edição de Adma Fadul Muhana, Lisboa, Cotovia, 1994.
- *Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício*, 2 vols. Introdução de Hernâni Cidade, Salvador, Editora Progresso, 1957.
- *Clavis Prophetarum - Chave dos Profetas*, Livro III. Tradução de Arnaldo do Espírito Santo, Lisboa, BN, 2000.

- *Autos do Processo de Vieira na Inquisição*. Edição de Adma Fadul Muhana, São Paulo, Editora da Unesp, 1995.

- *A Missão de Ibiapaba*. Coimbra, Almedina, 2007.

- *Obras Completas do Padre António Vieira*, 27 vols. Lisboa, Seabra e Antunes, 1954-1958.

EDIÇÕES PARCIAIS DE TEXTOS

- *Escritos Históricos e Políticos*. Organização de Alcir Pécora. São Paulo, Martins Fontes, 1995. (Contém quatro sermões, seis cartas e papéis vários de teor político.)

- *Obras Escolhidas*, 12 vols. Edição de Hernâni Cidade e António Sérgio. Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1951-1954.

BIOGRAFIAS

- André de Barros, *Vozes Saudosas*, 1737. (Primeira biografia de Vieira.)

- André de Barros, *Vida do Apostólico padre António Vieira*, Lisboa, Nova Oficina Sylviana, 1747.

- João Lúcio de Azevedo, *História de António Vieira*, 2 vols. 3.^a ed. Lisboa, Clássica Editora, 1992.

- João Francisco Lisboa, *Vida do Padre António Vieira*, 2 vols. Rio de Janeiro, W.M. Jackson, 1948 (Nova edição: S. Luís do Maranhão, Academia Maranhense de Letras, 2006).

- Hernâni Cidade, *Padre António Vieira*, Lisboa, Presença, 1985.

SOBRE MESSIANISMO E SEBASTIANISMO

- João Lúcio de Azevedo, *A Evolução do Sebastianismo*, 2.^a ed. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1947.
- João Lúcio de Azevedo, *História dos Cristãos-Novos Portugueses*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1921.
- Sampaio Bruno, *O Encoberto*, Porto, Lello & Irmão, 1904.
- Jacqueline Hermann, *No Reino do Desejado*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

SOBRE PADRE ANTÓNIO VIEIRA

- José Pedro Paiva (coord.), *Padre António Vieira, 1608-1697: Bibliografia*. Lisboa, BN, 1999.
- António José Saraiva, *História e Utopia – Estudos sobre Vieira*, Lisboa, ICALP/ Ministério da Educação, 1992.
- Margarida Vieira Mendes, *A Oratória Barroca de Vieira*, Lisboa, Caminho, 1989.
- Raymond Cantel, *Prophétisme et Messianisme dans l’Oeuvre d’Antonio Vieira*, Paris, Ediciones Hispano-Americanas, 1960.
- Silvano Peloso, *António Vieira e o Império Universal*, Rio de Janeiro, De Letras, 2007.
- Mário Domingues, *O Drama e a Glória do Padre António Vieira*, Lisboa, Romano Torres, 1964.
- Sónia Salomão, *António Vieira, Sermões Italianos*, Viterbo, Sette Città, 1998.

- *Oceanos*, Revista publicada pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, n.ºs 30 e 31 (Tema: António Vieira), Abril-Setembro de 1997.

- Manuel Cândido Pimentel, *De Chronos a Kairós*, Aparecida, SP, Ideias & Letras, 2008.

SOBRE OS JESUÍTAS NO BRASIL

- Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 10 vols. Lisboa: Portugália; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938-1950.

- João Lúcio de Azevedo, *Os Jesuítas no Grão Pará – Suas missões e Colonização*, Lisboa, Tavares Cardoso e Irmãos, 1901.

ÚLTIMAS OBRAS DE ANTÓNIO DE ABREU FREIRE

- *Diário de Bordo, pela rota de Vieira*, Lisboa, Portugália, 2008.

- *Padre António Vieira: Educador, Estratega, Político, Missionário*, Lisboa, Portugália, 2008.

- *Sermões de Santo António – do padre António Vieira*, Lisboa, Portugália, 2008.

- *Passos de um Génio*, exposição temática, Aveiro, 2008.

- No prelo:

Introdução à Literatura de Cordel.

Obras Escolhidas de Vieira.